

.....

INFÂNCIA E CRECHE

Sala 419 - 10h

CO-2230

SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO EM MÃES E BEBÊS QUE FREQUENTARAM OU NÃO A CRECHE

Tátiele Jacques **Bossi**, UFRGS,

E-mail: tatielebossi@gmail.com

Cesar Augusto **Piccinini**, UFRGS,

E-mail: piccinini@portoweb.com.br

Por volta dos quatro meses do bebê teria início o processo de separação-indivuação (Mahler, Pine e Bergman, 1977) caracterizado por suas quatro subfases que se sobrepõem ao longo do desenvolvimento infantil, a saber, diferenciação, exploração, reaproximação e consolidação da individuação e constância de objeto emocional. Trata-se de um processo intrapsíquico que abrange dois aspectos inter-relacionados, sendo a separação, que envolve a saída da criança da fusão simbiótica estabelecida com a mãe; e a individuação que implica em aquisições psíquicas que permitem à criança assumir suas próprias características. O presente estudo teve o objetivo de investigar o processo de separação-indivuação mãe-bebê ao longo do primeiro ano de vida de bebês que frequentaram ou não a creche. Participaram do estudo três díades mãe-bebê cujos bebês frequentavam a creche em período integral (entre 8h30min e 10h diárias) e três díades mãe-bebê cujos bebês não frequentavam a creche e que ficavam, prioritariamente, sob os cuidados maternos. Todas as mães eram primíparas, tinham idades entre 26 e 41 anos e residiam com o pai do bebê. As mães tinham nível socioeconômico médio e escolaridade que variou de ensino superior incompleto a pós-graduação. No que diz respeito aos bebês, eles estavam com aproximadamente seis meses de idade no início do estudo, o que corresponde à primeira subfase do processo de separação-indivuação. Essa também foi a idade de entrada dos bebês na creche. Todas as díades participavam do projeto longitudinal intitulado *O*

impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança - CRESCI (Piccinini, Becker, Martins, Lopes & Sperb, 2010) que acompanhou 77 famílias (29 bebês frequentaram e 48 não frequentaram a creche) e teve como objetivo geral investigar o impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo de bebês do primeiro ao segundo ano de vida. Para fins do presente estudo, utilizou-se um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994), de caráter longitudinal, enfocando no processo de separação-indivuação mãe-bebê no 6^a e 12^a mês de vida dos bebês que frequentaram ou não a creche. O processo de separação-indivuação foi investigado a partir de entrevistas, sendo no 6^a mês a *Entrevista sobre a experiência da maternidade/6 meses*, a *Entrevista sobre momentos de separação mãe-bebê/6 meses* e a *Entrevista sobre a adaptação do bebê a creche/versão mãe*. Já no 12^a mês as mães responderam a *Entrevista sobre a experiência da maternidade/12 meses* e a *Entrevista sobre momentos de separação mãe-bebê/12 meses*. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laille & Dionne, 1999), quando se investigaram aspectos relacionados às subfases de diferenciação e exploração, com destaque para: características da mãe e do bebê; e, entrada e experiência do bebê na creche (para os casos que entraram na creche). Os dados revelaram que para as mães cujos bebês frequentaram a creche, essa decisão foi considerada como necessária, sem que os momentos de separação lhes trouxessem maiores sofrimentos e prejuízos, tanto no 6^a quanto no 12^a mês dos bebês. É plausível se supor que a dinâmica e estrutura da instituição tenham facilitado a adaptação e a permanência destes bebês na creche, de modo que as educadoras se tornaram, progressivamente, figuras de referência para o bebê, permitindo separações menos traumáticas dos bebês em relação às mães (Mahler et al., 1977). Já as mães cujos bebês não frequentaram a creche ressaltaram dificuldades frente às separações, especialmente aos seis meses do bebê, ressaltando o desejo de estarem com os filhos durante todo o dia, já que elas não percebiam os bebês ou mesmo elas com capacidade de se separarem um do outro. No entanto, aos 12 meses dos bebês elas já ressaltavam maior necessidade de se individuem dos filhos estabelecendo uma rotina mais separada deles, justamente o momento em que os bebês apresentavam uma individuação maior em relação a elas. Isso apoia o que Colarusso (1990) já havia mencionado, destacando que, concomitante ao processo de separação-indivuação do bebê ocorre um processo correlato na mãe. Ao perceberem a individuação dos filhos, elas começaram a desejar se individualizar deles, para retomar uma rotina para além dos cuidados e atenção dispensada aos bebês. Com relação aos bebês do presente estudo, parece que estavam

passando pelo processo de separação-individuação de maneira satisfatória, independente de terem frequentado ou não a creche. Eles apresentavam comportamentos que seriam esperados considerando o processo de separação-individuação, tanto no 6^o mês, quando apareceu maior interação com a mãe e o ambiente ao seu redor, indicando o que Mahler et al. (1977) se referiram como desabrochamento. O mesmo também apareceu no 12^a mês, através de expressões de prazer frente às atividades que realizava de forma independente, a necessidade de reabastecimento emocional através do contato físico com a mãe e a impermeabilidade à frustração que o impulsionava na exploração do ambiente ao redor (Mahler et al., 1977). Os dados revelaram que, considerando os contextos de creche e das famílias investigadas, o processo de separação-individuação mãe-bebê pode ocorrer como o esperado, independente do bebê frequentar ou não a creche.

Palavras-chave: processo de separação-individuação; creche; desenvolvimento emocional.

Contato: Tatiele Jacques Bossi, UFRGS,

E-mail: tatielejbossi@gmail.com

